

EDIÇÃO 22, DOSSIÊ TEMÁTICO: REGIMES AUTORITÁRIOS E TOTALITÁRIOS EM PERSPECTIVA HISTÓRICA (SÉC. XIX, XX E XXI)

LUIS HENRIQUE SOUZA DOS SANTOS*

ERIC FAGUNDES DE CARVALHO**

Por mais corriqueira que seja a publicação de um editorial de revista acadêmica, é sempre indisfarçável o sentimento de satisfação, amplamente compartilhado por todos nós do corpo editorial da *Ars Historica*. Tratando-se de uma revista acadêmica discente, é desnecessário assinalar todos os desafios e obstáculos que se impõem, exigindo uma cumplicidade ímpar entre a *Ars* e todo o corpo social do Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ, fundamentalmente, seu corpo discente e docente. Aqui, deixamos especiais agradecimentos ao professor Vinícius Liebel, pela gentil apresentação do atual dossiê, e aos professores William de Souza Martins e João Ohara, respectivamente, coordenador e vice-coordenador do PPGHIS-UFRJ, pela disponibilidade e essencial apoio institucional. A presente edição é mais um fruto da longa colaboração que sempre vincularam, em quase 40 anos de história, o Programa, seus alunos e funcionários.

Esta nova edição, a 22ª em mais de 10 anos de Revista, é composta por 10 trabalhos, incluindo 2 resenhas, com autores formados e atuantes nas mais diversas Instituições de Ensino e Pesquisa do país – incluindo graduandos, mestres e doutorandos. Temos a oportunidade de publicar as pesquisas um mestrando, cinco mestres e quatro doutorandos, além de 1 graduando – a reforçar o espaço de amadurecimento acadêmico que a *Ars Historica* se propõe a ser. De forma oportuna,

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS-UFRJ), Bolsista CAPES. Mestre em História Social pelo mesmo PPGHIS-UFRJ (E-mail: luissantoshenrique@yahoo.com.br).

** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS-UFRJ), Bolsista CAPES. Mestre em História Social pelo mesmo PPGHIS-UFRJ (E-mail: ericdecarvalho@hotmail.com).

trazemos ainda o dossiê temático *Regimes autoritários e totalitários em perspectiva histórica (séc. XIX, XX e XXI)*, apresentado linhas adiante pelo professor Vinicius Liebel. Nas atuais circunstâncias, mais que uma amostra de produção acadêmica e universitária de qualidade, com pesquisas que se debruçam sobre tema tão candente, que seja, também, um convite à discussão e ao bom debate.

Neste número, o dossiê é composto por seis artigos. O primeiro, intitulado *“Doenças e acidentes de trabalho: a luta entre o capital e o trabalho na justiça trabalhista da Paraíba nos anos do Estado Novo (1941-1945)”*, de autoria de Arthur Manoel Barbosa (PPGH-UFCG), discute uma face pouco explorada, embora fundamental, das relações de exploração entre Capital e Trabalho, mediante processos trabalhistas oriundos da Junta de Conciliação e Julgamento de João Pessoa nos anos finais da Ditadura do Estado Novo. Yasmin Trindade Machado (UFF), por sua vez, traz à lume o debate acerca do papel exercido pela mulher alemã na lógica nazista, revelando a associação entre as noções de maternidade e feminilidade no âmago do regime. Aqui, publicamos seu trabalho sob o título *“Mulher, mãe do reich e a propaganda nazista nas páginas da NS Frauen Warte”*.

A seguir, o leitor encontrará dois exemplos de um dos grandes trunfos do trabalho do historiador: o trabalho em equipe. A dupla composta pelas autoras Bruna Baliza Doimo (UFRRJ) e Marcela de Oliveira Silva (UFRRJ) realizaram instigante estudo a respeito da influência exercida pelo Golpe Militar de 1964 no amplo campo das ciências humanas, explorando a progressiva tensão causada por eventos políticos recentes; e que, decerto, suscitou novos olhares sobre o evento e o conseqüente período ditatorial. Maiores aprofundamentos serão encontrados no texto intitulado *“O golpe de 1964 no brasil: uma breve análise no campo das ciências humanas”*. Marcio Augusto Macella (UEM) e Alfeo Seibert Filho (UEM), por seu turno, apresentam uma breve análise da faceta autoritária do Estado Novo varguista, sob o prisma da repressão contra os imigrantes alemães. De maneira oportuna, os pesquisadores aliam, à compreensão do ambiente político do século passado, a noção de xenofobia – especialmente no processo que resultou na demissão de 6 funcionários da Companhia Telefônica Paranaense, mediante a influência da DOPS sobre o Conselho Regional do Trabalho. Em *“O autoritarismo do Estado Novo e a política de Vargas contra imigrantes alemães e descendentes”* o leitor encontrará maiores detalhes sobre essa história.

O trabalho de Lays Corrêa (UFRJ) dá continuidade a este número, com o texto intitulado *“A los hombres también a veces lo matan los hombres”*: as memórias de violência sobre a ditadura

militar chilena no informe Rettig (1991)”. Nele, a autora elucida uma série de relatos sobre as práticas de violência que caracterizaram o período da Ditadura Militar chilena, partindo, sobretudo, do Informe da *Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación*. Entre outras coisas, convida a refletir sobre os traumas que ocorreram de maneira paralela no restante da América Latina, incluindo o Brasil.

Com o artigo “*Igreja Católica, ditadura e memória no Brasil*”, Bárbara Geromel (UFRJ) fecha este dossiê. Contrapondo a solidez de determinadas visões a respeito da Igreja Católica entre 1964 e 1985, a autora é muito feliz em matizar posicionamentos importantes da instituição, e elucida facetas muito mais complexas do que homogêneas ou unívocas no período apresentado – superando versões que a caracterizavam apenas como resistente ou leniente ao regime. A motivação de sua pesquisa coloca no centro das discussões o importante tema da relação construída entre a sociedade brasileira e um dos processos históricos mais marcantes de nosso passado recente. E a exemplo dos trabalhos anteriores, pode – e deve – ser visto como uma oportunidade de pensar sobre as semelhanças e as diferenças que marcaram os recentes regimes autoritários no continente sul-americano.

Convidamos ainda à leitura do artigo livre “*Vigiar, punir e regenerar: paralelos entre a história do Carandiru e Michel Foucault*”, da autora Nina Caputo Paschoal (PUC-SP). Nesta ocasião, a autora nos brinda com a investigação a respeito da célebre Casa de Detenção do Estado de São Paulo, o Carandiru. Em abordagem perspicaz, se estabelece um olhar crítico a respeito da experiência de controle e violência, evocando revisões a ideias como disciplina, trabalho e ordem – à luz das profícuas reflexões elaboradas por Michel Foucault. Torna-se, deste modo, um escrutínio necessário sobre o desenvolvimento dos processos punitivos, tomando por recorte este caso brasileiro. Para este tema, um recorte óbvio, mas de forma alguma banal.

Anderson Henrique Marinho (FGV-RJ), em “*‘Herdeiros da bravura’: a [re]invenção de Canudos e a luta dos sobreviventes (1897-1947)*”, realiza uma instigante incursão sobre a história de Canudos. Apesar de um recorte clássico, a utilização de fontes como o Relatório do Comitê Patriótico da Bahia, junto a periódicos como a edição de 1947 de *O Cruzeiro*, fez da análise do autor algo original. Com clareza e coesão, foi capaz de esmiuçar os processos que explicam a formação do povoado de Canudos e os destinos dos habitantes que sobreviveram aos ataques sobre o povoado de Belo Monte – sem desviar do incontornável Euclides da Cunha.

Por último, mas não menos importante, apresentamos as duas resenhas desta edição. “*O brilho de diversas áfricas*”, de José Airton Ferreira Júnior (UFC), e “*Perspectivas dos impérios transatlânticos ibéricos entre os séculos XVI e XIX*”, de Ilana de Macedo Vaz (UFOP), respondem por uma guinada temporal e geográfica responsável por enriquecer os estudos abarcados por este número. Desvinculando-nos das amarras do século XX, o texto de José Airton, uma leitura da obra de François-Xavier Fauvelle,³ apresenta uma África distante dos estereótipos e, de maneira oportuna, a insere no bojo de discussões frescas remetentes a temas como *fronteiras*, suas *interconexões* e as influências recíprocas que caracterizaram boa parte da história do continente com entidades cristãs e muçulmanas, entre os séculos VII e XVI. Sobretudo, faz conhecer uma África muito mais diversa do que comumente se supõe. Já a leitura realizada por Ilana⁴, recupera debates e questões um tanto quanto adormecidos sobre as novidades teóricas e metodológicas que deram novo fôlego aos estudos sobre a América ibérica do Antigo Regime. De igual modo, traz à baila temas como *mobilidade, circulação e interações* no mundo ibero-americano, englobando as especificidades da Península ibérica e suas possessões ultramarinas, incluindo suas relações com outras partes do mundo ao longo dos séculos XVI e XIX. Mais importante, esta resenha dá a conhecer uma iniciativa recente, resultado de um seminário internacional homônimo, congregando pesquisadores de tendências e instituições nacionais e internacionais em momentos diversos de formação. Leitura obrigatória, pelo menos, àqueles dedicados ao tema.

Finalmente, aos autores, nosso profundo agradecimento, pelo interesse e pela eterna paciência. Aos pareceristas, pela generosa contribuição.

Sem mais delongas, desejamos a todos e todas uma ótima leitura!

³ FAUVELLE, François-Xavier. **O Rinoceronte de Ouro**: Histórias da Idade Média Africana. Tradução: Regina Salgado Campos; Iraci D. Poletti. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

⁴ SLEMIAN, Andréa; RODRIGUES, Jaime; VILARDAGA, José Carlos; TUFOLO, Marina Passos (Org.). **Dinâmicas imperiais, circulação e trajetórias no mundo ibero-americano**. Guarulhos: Departamento de História/EFLCH/UNIFESP, 2020.